

BJIR

Brazilian Journal of
International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Quadrimestral | volume 12 | edição nº 2 | 2023

Um novo momento Sputnik? O papel do 5G na disputa comercial entre China e EUA (2017-2020) e sua influência nas estruturas de poder segundo a teorização de Susan Strange

Paloma de Oliveira dos Santos

 **Igepri**
Instituto de Gestão Pública e
Relações Internacionais

 **unesp**
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

A Brazilian Journal of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA), EBSCO Publishing e Latindex

Um novo momento Sputnik? O papel do 5G na disputa comercial entre China e EUA (2017-2020) e sua influência nas estruturas de poder segundo a teorização de Susan Strange

A new Sputnik moment? The role of 5G in the trade dispute between China and the US (2017-2020) and the influence on power structures according to Susan Strange's theory

Paloma de Oliveira dos Santos¹

Resumo: A ascensão da guerra comercial entre China e EUA a partir da posse do presidente estadunidense Donald Trump (2017-2020) fez emergir, não apenas o debate acerca das relações diplomáticas e comerciais entre ambos os países, mas também em relação ao desenvolvimento da tecnologia 5G. Com a proibição de circulação de produtos da Huawei (principal fabricante da tecnologia 5G da China) entre representantes do governo americano em 2018, e a proibição da compra de equipamentos por parte das empresas estadunidenses em 2019, emerge a questão do por que o ataque a fabricante chinesa no país. O trabalho tem como objetivo analisar a questão a partir dos escritos da inglesa Susan Strange, em especial do modelo de análise de poder proposto em sua obra *'State and Markets'*. Pretende-se expressar, a partir do referencial teórico apresentado, que a tecnologia 5G é uma peça chave para a manutenção e expansão das estruturas de poder contemporânea, sendo este o motivo de perseguição e debate no conflito contemporâneo.

Palavras-Chave: Guerra Comercial; 5G; Estrutura de Poder; China; EUA; Susan Strange.

Abstract: The rise of the trade war between China and the US since the inauguration of US President Donald Trump (2017-2020) has given rise not only to the debate about diplomatic and commercial relations between both countries, but also in relation to the development of 5G technology. With the ban on the circulation of products from Huawei (the main manufacturer of the technology 5G of China) among american government representatives in 2018, and the ban on the purchase of equipment by US companies in 2019, the question arises why the attack the chinese manufacture in the country. The work aims to analyze the issue from the writing of

¹ Mestranda da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais, na linha de “Relações Internacionais e Desenvolvimento”. Possui o título de bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, pelo curso oferecido pelo Campus de Marília. Desenvolvo uma pesquisa intitulada “Um novo momento Sputnik? O papel do 5G na disputa comercial entre China e EUA (2017-2020) e sua influência nas estruturas de poder segundo a teorização de Susan Strange”. Tenho como principais áreas de interesses aquelas que se relacionam com o meu trabalho, sendo Economia Política, Disputas Comerciais e Indústria 4.0.

english intellectual Susan Strange, especially the power analysis model proposed in her work 'State and Markets'. It is intended to express, from the theoretical framework presented, the 5G technology is a key piece from the maintenance and expansion of contemporary power structures, which is why it has been pursued and debated in the contemporary conflict.

Keywords: Trade War; 5G; Power Structure; China; US.

Introdução

Em junho de 2018 foi estabelecida abertamente a guerra comercial entre China e EUA, com a super taxação de 25% em importações chinesas que excedessem US\$ 34 bilhões por parte dos Estados Unidos. Tal evento desdobrou na maior disputa tarifária do século XXI, da qual ainda não possui um desfecho, mas semeou consequências fundamentais não apenas nas importações e exportações dos países envolvidos, mas também nas disputas de projeção de poder em âmbito internacional (que envolve necessariamente as estruturas internas de cada um).

O conflito estabelecido em 2018 não ficou apenas na tarifação dos produtos de alta demanda na China ou nos EUA, mas também acendeu um debate acerca da atuação de tarifação estratégica que estava além da demanda, como é o caso da alta tecnologia, sendo trabalhada neste artigo aquela que pode potencializar não apenas a performance de uma sociedade integrada na esfera digital, mas também em todas as esferas do poder de uma nação: o 5G. Para discutir a tecnologia 5G, seus impactos sociais e estruturais na disputa em curso, assim como sua importância, são preciso uma referência no que tange a projeção de poder no debate das relações internacionais. Portanto, através dos estudos de Susan Strange, em seu livro '*State and Markets*', vamos analisar qual é o papel do 5G no desenvolvimento de cada uma das quatro principais estruturas de poder, sendo elas a estrutura de segurança, a financeira, a de produção e a de produção de conhecimento.

Tratando-se de um conflito ainda em curso, com uma série de consequências nas mais diversas áreas, a fim de compreender objetivamente o que o artigo propõe-se, ele será estruturado da seguinte maneira: o primeiro tópico a ser discutido é um breve histórico das relações sino-americana, de sua retomada diplomática até a eleição de Donald Trump, com enfoque nas relações econômicas entre os dois países pois, como pretende-se analisar o objeto a partir de uma teoria que leva em consideração elementos histórico, compreender o desenvolvimento das relação entre os dois países em conflito não só dialoga com a análise, quanto também a compreensão do leitor sobre os efeitos atuais, uma vez que nenhuma ação está descolada de seu processo histórico.

Após a breve compreensão do histórico das relações econômicas e diplomáticas sino-americana, listarei os principais eventos da guerra comercial estabelecida, como se desenvolveu e quais seus maiores atos ao longo dos quatro anos escolhidos como recorte temporal para análise

(recorte escolhido levando em conta a natureza e o tempo disponível para o desenvolvimento do trabalho, e também como um ciclo fechado para análise de estratégias e posturas adotadas por um determinado governo estadunidense sobre a questão). A fim de conceituação, também será definido o conceito de guerra comercial para que o trabalho forneça aparato para o leitor compreender o fenômeno em curso e sua importância na esfera de desenvolvimento econômico e das demais estruturas de um Estado, fornecendo assim material para uma análise mais completa do ponto investigado.

Em seguida, explicitarei o papel do 5G na disputa em perspectiva histórica, assim como definirei conceitualmente a tecnologia. Feito isso, podemos enfim fazer uma análise do fato histórico a partir de um aparato teórico, sendo o escolhido para o diálogo a inglesa Strange. Pretende-se primeiramente familiarizar o leitor com a teorização das quatro estruturas de poder de Susan Strange, para que assim possa ser listado, em natureza hipotética, quais as possíveis atribuições de importância do 5G na disputa em curso, levantando os potenciais avanços que a mesma pode causar em cada uma das estruturas de poder de um Estado na contemporaneidade.

Feito todo o processo de reconhecimento dos fatos históricos a partir do recorte temporal estabelecido, compreendendo o histórico das relações sino-americanas (que tem como objetivo enfatizar uma disputa histórica, com histórico de conflitos comerciais posteriores, que podem consequentemente influenciar o desdobramento em curso), os conceitos envolvidos no debate, e a hipótese do papel da tecnologia na disputa para as estruturas de poder, poderemos enfim concluir e responder, seria a tecnologia 5G (e seus desdobramentos) um novo momento Sputnik na história?. A partir de uma análise de natureza qualitativa, pretende-se responder se o 5G, enquanto palco um dos principais palcos da disputa, tem um potencial de revolucionar as estruturas da disputa pela imposição do poder no cenário internacional, tal qual o satélite no período da Guerra Fria.

1. Breve histórico das relações sino-americanas: da retomada diplomática até a eleição de Donald Trump

Ao longo da história do século XX as relações sino-americana tiveram pontos de tensão. Desde o início do século, das ‘Revolta dos Boxers (1889-1901)² até a abertura do país asiático no final da década de 70, ambos os países estiveram em lados opostos em disputas das mais diversas naturezas, passando de interesses externos no gigante asiático (como a revolta citada), até conflitos diretos, como

² A Revolta dos Boxers (1889-1901) foi uma ofensiva estrangeira (Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, França, Japão, Itália e Rússia) contra a população chinesa, que revidaram de maneira incisiva contra a invasão de seu território. O resultado dessa disputa foi desfavorável ao país atacado e tal evento ditou os rumos que a política externa chinesa tomaria com o estabelecimento da República Popular da China em 1949, devido ao seu relacionamento conturbado com o exterior.

a Guerra da Coreia (1950-1953), em que os países defenderam militarmente na península coreana lados opostos da disputa ideológica no período da Guerra Fria.

Os conflitos passaram a ser mais amenos a partir do final da década do restabelecimento das relações diplomáticas, em janeiro de 1979, sob a presidência do estadunidense Jimmy Carter. O presidente dos EUA, que havia assumido o mandato em 1977, esforçou-se desde o início para a retomada das relações diplomáticas entre os dois países, onde no final de 1978 já havia chegado a um acordo, como reconhecimento por parte do país ocidental da “China Única”, e conseqüentemente o cessamento das relações diplomáticas com Taiwan (uma questão histórica delicada da China contemporânea da qual os EUA sempre se posicionaram e apoiaram militarmente o “inimigo” chinês, Taiwan) (MONROE, 2013).

Com a retomada, os EUA tornaram-se o maior parceiro comercial da China, ao mesmo tempo em que foi fundamental para o desenvolvimento da estrutura produtiva chinesa. A partir disso, as relações sino-americana apresentaram grandes avanços, com ambos os países se ajudando de maneira dialética até o primeiro conflito diplomático-comercial entre os países com relações estabelecidas (SHU, 2005). O bloqueio ocorreu em 1989, com o incidente da praça da Paz Celestial (Tianmen), onde por julgar as atitudes do Estado chinês com a sua população uma afronta aos direitos humanos, os países ocidentais em conjunto com os EUA aplicaram uma série de retaliações diplomáticas e comerciais contra a China (AUSTIN, 2005).

Em âmbito institucional, os EUA suspenderam “(...) garantias de investimento estrangeiro, empréstimos do Eximbank, licenças para munições e equipamentos policiais, liberalização do controle das exportações, as licenças de exportação de satélites e a implementação do acordo de cooperação nuclear” (AUSTIN, 2005, p.21). Como listado, as conseqüências foram significativas, pois a China não tinha suas estruturas produtivas, financeiras e de produção de conhecimento estabelecidas como seus concorrentes comerciais, representando queda no crescimento e um grande declínio diplomático comparando com o que tinha sido construído ao longo dos primeiros dez anos de relações.

Aos poucos, as medidas impostas pelo governo americano foram sendo revogadas, e as relações sino-americana, principalmente em âmbito comercial, permaneceram saudáveis. A China mantinha na década de 90 a mesma estratégia desenvolvimento estabelecida ao longo da década de 70 por Deng Xiaoping, de captação de recursos estrangeiros para o desenvolvimento interno, e seus indicadores econômicos continuou crescendo, além do seu desenvolvimento enquanto país e conquista de espaço no cenário internacional, que, além da cadeira no Conselho de Segurança da ONU, passou a ser também membro da Organização Mundial do Comércio, em 2001.

Após as tensões do final da década 80, ainda que teve alguns pontos críticos sobre assuntos específicos, principalmente ao longo do governo de George Bush (principalmente em âmbito militar e

diplomático, como a venda de armamentos dos EUA para Taiwan, ou pela instalação de sistemas de defesa antimísseis no Japão) (LEÃO, 2008)), nenhum governo desenvolveu relações diplomáticas com o país asiático tão ruins quanto o presidente que assumiu o cargo em 2017, Donald Trump. Barack Obama, presidente estadunidense que assumiu o governo de seu país em 2009 (durante uma forte crise econômica), governando anteriormente a Trump, havia estabelecido grandes avanços nas relações diplomáticas e econômicas com Xangai.

De parcerias bilaterais como o ‘Diálogo Estratégico Econômico’ (que propunha o estabelecimento de diálogos de interesse compartilhado entre as duas nações, indo até questões polêmicas como ciberespionagem e segurança marítima, visando um melhor relacionamento) (KOSHINO, 2015), as relações sino-americanas passaram ao declínio antes mesmo da posse do novo representante em 2017, visto que Donald Trump já proferia ataques contra a China, já ditando as tendências que surgiria ao longo de seu mandato no que tange as relações sino-americanas.

O seu discurso nacionalista abraçava demandas da população estadunidense que sofriam os efeitos da grande crise econômica que desabrochou em 2008. Com um discurso pautado no *slogan* de fazer ‘A América Grande Novamente’, a ideia não apenas irradiava propostas de âmbito protecionista em âmbito econômico, mas também um posicionamento contrário ao chamado ‘globalismo’, nome dado ao processo de globalização, que inclui o a internacionalização de empresas (principalmente aquelas advindas de países industrializados, como os EUA) em localidades que ofereciam mão de obra barata em relação ao próprio país. Essas cadeias globais de produção criadas causaram consequentemente a perda de empregos nos EUA. Passou-se a haver além do questionamento acerca dos empregos, nos benefícios que as políticas internacionais estadunidenses causavam no país, intensificando ainda mais o debate expressado pelo novo presidente (DA VINHA, 2018).

Em seu discurso eleitoral, Trump fazia promessas de “rasgar os acordos internacionais” e emplacar ofensivas contra a China, prometeu “rotular a China de país que manipula a sua própria moeda e impor tarifas punitivas sobre os produtos oriundos do país asiático”. Sua tática, apoiando-se no nacionalismo pelos motivos citados acima, também era de ataque a sua concorrente da corrida eleitoral, Hillary Clinton, a partir de acusações como “amante do globalismo” e apoiadora do livre comércio (prática do qual os EUA foram o principal divulgador ao longo de todo o século XX). No discurso de Trump, apenas um “nacionalismo ponta-dura” poderia resolver os problemas até então insanável da economia norte americana (CORASANTI, 2016).

Ainda sobre a China, Trump proferia críticas aos acordos chineses, alegando que esses eram injustos contra os trabalhadores estadunidenses, acusação que alimentava sua campanha que visava a classe trabalhadora que vinha sofrendo com a recessão econômica que os EUA vivenciam há alguns

anos (CORASANTI, 2016). Os ataques contra o “globalismo” não se limitavam as relações comerciais sino-americanas, mas também com países vizinhos e participantes do mesmo “bloco econômico”, como o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio) (BALISTRERI, 2021).

A nível de compreensão, os esforços de Trump para um governo (que refletiu em seus discursos eleitorais) nacionalista pode ser compreendido como “Na visão de Trump, uma perspectiva nacionalista sobre o mundo parece ser fortemente ligada à identidade americana e como ela é apresentada ao seu público” (ENACHE, 2018, p.313). Essa “identidade americana” citada por Enache relaciona-se a e contradiz em como historicamente os EUA se apresenta em suas relações exteriores (e conseqüentemente, a filosofia que o guiou e ajudou a estabelecer toda projeção de poder no cenário internacional que o país exerce), a filosofia do ‘Destino Manifesto’.

Historicamente, desde o final do século XIX, a postura dos EUA (e conseqüentemente o papel exercido) foi a de expansão de seu modelo civilizatório, como uma grande missão de ordem divina ao povo escolhido, que gradativamente, a partir dos esforços diferidos pelo governo, alçaria o seu lugar de referência em diversas esferas e assim assumiria um papel de controle acerca da imposição do governo em âmbito internacional (PIRES, 2018). Não por acaso os EUA sempre assumiram papel de destaque e interferência em conflitos e instabilidades ao redor do globo, seja como suporte (no caso da Primeira Guerra Mundial, onde a partir do conflito o país estabeleceu o seu papel de liderança global) ou como protagonista, como na Guerra Fria.

O discurso de Trump revertia esse modelo de atuação do país no exterior, ao contrário de políticas como a diplomacia triangular, que alçou e realizou aproximação diplomática com um país de ideias contrárias em um período delicado, como os EUA fez com a China ao longo da década de 70 (aproximação que visava o enfraquecimento da URSS, ao aliar-se a um antigo parceiro de seu inimigo) (ARBAGE, 2021). Seu modelo protecionista assemelhava-se muito mais a postura adotada por um país que está em um conflito de Guerra Comercial (GAGLIANO, 2018), como abordaremos adiante, relacionando com a teorização, as atitudes do presidente eleito.

As ameaças contra a China ocorreram durante todo processo eleitoral e indicavam que Trump assumiria um modelo de governança não vivenciado e que mudaria diversos pontos consolidados do “fazer política” estadunidense. Antes mesmo de tomar posse de seu mandato, Trump já tomou atitudes contraditórias no que tange a tradição diplomática estadunidense, trocando telefonemas com então presidente de Taiwan Tsai Ing-wen.

Este telefonema contrariava uma política externa sino-americana de quase 40 anos, do reconhecimento da “China Única” e do corte das relações diplomáticas formais com Taiwan, condições estabelecidas para a retomada diplomática entre China e EUA (KISSINGER, 2011). Ainda que o então eleito presidente estadunidense tenha brincado com fogo, no que tange a estabilidade

política dos dois países, o governo chinês não deu muita credibilidade a ação de Trump, e, nas palavras do ministro de Relações Exteriores da China, Wang Yi, o acontecimento não passava de um “truque” por parte do país ocidental, e que a China não tinha pretensões de criar tensões nas relações sino-americanas por conta de tal ato (The Guardian, 2016).

Ainda que não existiu qualquer aprofundamento diplomático, certamente Trump expressou ao longo desse tempo, através de discursos e atitudes, com o tom que ele pretendia lidar com a China. Ao longo de 2017, em seu primeiro ano de mandato, o presidente dos EUA prosseguiu com os seus típicos discursos proferidos durante sua campanha eleitoral em relação a China, mas manteve relações diplomáticas mais amenas, ainda que prosseguiu com suas políticas de tendência protecionista, como a negação da compra da empresa de semicondutores *Lattice Semiconductor*, pela *Canyon Bridge Capital Partners* (empresa apoiada pelo governo chinês) (BBC, 2017).

Diante de todo esse cenário ascendente de tensões diplomáticas e comerciais, a China manteve-se aberta ao diálogo e comércio com o país que rivalizava, por não ter abandonado tendências de globalizar o seu estado, esforço facilmente identificado a partir de planos como o *Belt and Road Initiative* e o *Made In China 2025*, sendo esse último o projeto que mais dialoga com o presente trabalho. Sobre a rivalidade ascendente, o projeto de expressão chinesa busca um “desenvolvimento pacífico”, pautado no princípio filosófico chinês do Tianxia 天□ (Tudo sobre o Céu), que em linhas gerais anseia pela harmonia, a busca por interesses comuns e o desenvolvimento de boas relações culturais, visando transformar as diferenças através da aproximação por meio da compreensão (ZHANG, 2010). Feito o histórico de disputa entre as duas nações, o início das tensões contemporâneas, e a filosofia de projeção adotada por cada um dos governos em questão, é possível assim compreender o cenário das disputas comerciais e tecnológicas de maneira mais complexa, tópicos que compõe a sequência do artigo.

2. A Guerra Comercial entre China e EUA: Principais pontos de tensão ao longo dos anos (2018-2020).

A fim de familiarizar o leitor com o conflito em questão, é necessário compreender o conceito de “Guerra Comercial”, sua natureza e manifestação nas relações diplomáticas e comerciais. Abrindo a discussão, podemos definir “Guerra Comercial” como “(...) conflito entre nações com meios que dizem respeito a propósitos de caráter exclusivamente econômico, e não mais como uma mera concorrência econômica, a qual seria mais condizente às dinâmicas empresariais” (GAGLIANO, 2018, p.33).

Aqueles que protagonizam o conflito são os Estados Nacionais e suas economias, sendo uma das primeiras estratégias adotadas no conflito o abandono de políticas econômicas que são pautadas excessivamente no “livre mercado” para políticas econômicas mais protecionistas, voltando-se para a proteção do mercado interno. Neste cenário, as empresas atuam ao lado do Estado, como verdadeiras “tropas”, como é o caso das empresas que estão envolvidas na discussão do artigo:

“(…) quando elas exportam de forma consistente, na retaguarda, quando elas são capazes de manter uma firmeza em nichos do mercado doméstico, e como ponta de lança, se elas conduzirem uma boa parte de suas atividades em solo estrangeiro. Este último caso diz respeito, acima de tudo, às grandes indústrias multinacionais cuja importância econômica é medida não em termos de seu volume de negócios anual, mas sobretudo pelo seu grau de globalização, ou seja, sua capacidade de conquistar mercados estrangeiros” (GAGLIANO, 2018, p.37).

Elas atuam como verdadeiras representantes dos interesses nacionais de um Estado “(…) algumas empresas criam empregos e pagam impostos em países estrangeiros contribui, pelo menos indiretamente, para o controle de um mercado externo através de interesses que são nacionais e instrumentais nas políticas de poder do Estado” (GAGLIANO, 2018, p.40). Mas para que isso aconteça, é preciso que exista uma boa relação entre o setor privado e o Estado, o que nem sempre ocorre por não existir uma convergência de interesses entre ambos (uma vez que o primeiro atua na esfera produtiva visando a sua manifestação geopolítica e o segundo visando a obtenção de lucros privados, sem qualquer ligação estatal, mas que representa um setor de interesse para ele).

Em um conflito comercial, existem uma série de estratégias listadas por Gagliano (2018) como possíveis de serem realizadas visando a vitória, sendo as mais importantes para a análise do nosso objeto a permissão ou negação da entrada de produtos estrangeiros em terras nacionais, acusações de ‘comércio injusto’, deixando a nação acusada sujeita a represálias de organizações internacionais que regulam o comércio, como a OMC, a defesa do mercado nacional através da alfândega, cotas sobre importações, e a utilização de ‘dumping’, prática oficialmente ilegal da qual o Estado oferece subsídios para setores estratégicos a fim de aumentar a competitividade global (GAGLIANO, 2018).

Com uma postura mais protecionista do que exigido no regime de livre mercado de diretrizes neoliberais, estabelecido ao longo da década de 70 com o acordo de Bretton Woods (MARINHO, 2010), o Estado passou a ter uma outra postura, sendo ela “(…) obrigação do Estado defender as indústrias estratégicas nacionais da nação, especialmente em campos de ponta ou aqueles considerados como parte do patrimônio industrial nacional” (GAGLIANO, 2018, p.76).

As condições de Guerra Comercial citadas acima estiveram presentes ao longo de todo conflito ocorrido com o governo de Donald Trump. As relações diplomáticas sino-americanas que até então estavam amenas começaram a se desconfigurar a partir do mês de fevereiro de 2018, quando o governo

estadunidense passou a investigar atos, práticas e políticas chinesas no que tange a transferência de tecnologia, propriedade intelectual e inovação, que duraram até o mês de abril do mesmo ano (KAPUSTINA, 2020).

Após as tensões iniciais no que tange a confiabilidade do país asiático por parte dos EUA, o país ocidental avançou mais um passo no que tange ao aumento das tensões, quando o governo Trump impôs as primeiras taxas contra a China

(...) 30% em painéis solares; 20% em máquinas de lavar; 25% nas importações de aço; 10% nas importações de alumínio. Medidas direcionadas à China: restringiu o investimento em setores chaves de tecnologia; imponentes tarifas de importação sobre o setor aeroespacial, TI, comunicação e máquinas; incluindo a ZTE na lista de entidades. (KAPUSTINA, 2020, p.4, tradução nossa).

A China respondeu taxando 128 produtos de origem estadunidense em valores entre 15-25% (KAPUSTINA, 2020), aumentando as tensões entre os países até a declaração de guerra comercial em 05 de julho, a partir de uma super taxação de 25% em importações chinesas excedentes a US\$ 34 bilhões. Simultaneamente, o governo estadunidense expressou seus intensões em aplicar novas tarifas em importações excedentes a US\$ 16 bilhões, acompanhado de uma ameaça que, em caso de revide chinês, haveria tarifas adicionais em importações acima de US\$ 500 bilhões (TAN, 2018).

A resposta chinesa sobre a Guerra Comercial declarada pelos EUA veio com a declaração do Ministério do Comércio chinês sobre o início da “maior guerra comercial da história” (SWANSON, 2018), junto com a aplicação de uma taxação de 25% em importações estadunidenses que excedesse US\$ 34 bilhões (em produtos agrícolas, automóveis e produtos aquáticos) (KAPUSTINA, 2020). A partir daí, foi instaurado um cenário de constante taxações, que permaneceu até 2020, quando não só a configuração do conflito mudou, como toda estrutura da economia e sociabilidade mundial.

A tabela abaixo lista os principais momentos desse conflito em organização cronológica:

Fevereiro-Abril de 2018	<p>Início das tensões sino-americanas com a investigação estadunidense sobre as “irregularidades” chinesas, relativa a questões de transferência de tecnologia e propriedade intelectual.</p> <ul style="list-style-type: none"> - EUA iniciou suas ações protecionistas adicionando as primeiras tarifas de salvaguardas globais, sendo 30% em painéis solares, 20% em máquinas de lavar, 25% nas importações de aço e 10% em importações de alumínio. Também restringiu investimento em setores chaves de tecnologia para China. - Resposta chinesa de tarifas em 128 categorias de produto diferentes variando entre 15-25%.
-------------------------	---

Junho de 2018	<p>Início da Guerra Comercial entre China e EUA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Super taxação estadunidense de 25% em importações chinesas excedentes US\$ 34 bilhões; Ameaça ao governo chinês que em caso de resposta, tarifas adicionais em importações acima de US\$500 bilhões. - Resposta chinesa com a imposição de 25% em tarifas em importações de produtos agrícolas, automóveis e produtos aquáticos que excedessem US\$ 34 bilhões. - Tarifas adicionais de Trump frente a resposta chinesa de US\$ 50 bilhões em importação de produtos chineses, seguida de mais uma ameaça sobre US\$ 200 bilhões.
Agosto 2018	<p>Ameaças de aumento tarifário de ambos os lados, sendo 10-25%, totalizando US\$ 200 bilhões de incremento do lado estadunidense, e a divulgação de uma lista de pretensões chinesas que totalizava US\$ 60 bilhões em importação dos EUA. O resultado disso foi “segunda rodada” que culminou em um aumento de US\$ 50 bilhões em tarifas.</p>
Setembro 2018	<ul style="list-style-type: none"> - Trump anunciou que implementaria tarifas de 10% em US\$ 200 de produtos oriundos da China no dia 24 do mês, e que tais alterações permaneceriam até 01 de janeiro de 2019. - China revidou aplicando de 5-10% sobre importações estadunidenses excedentes a US\$60 bilhões.
Dezembro 2018	<p>Foram mantidas as tarifas aplicadas até então, e na reunião do G20 ocorrida no mês as duas nações concordaram em não aumentar as tarifas nos próximos 90 dias. Divulgaram também uma lista de tarifas que seriam revogadas, assim como a China passou a importar mais dos EUA e diminuir tarifas, como a aplicada em automóveis (que foi de 25% para 15%).</p>
Maio de 2019	<p>Novos passos das tensões sino-americanas só ocorreram em Maio, uma vez que o governo estadunidense prosseguiu adiando a implementação de tarifas, como acordado em Dezembro de 2018. Neste mês Trump colocou a Huawei e outras empresas do ramo de alta tecnologia chinesa na “Lista de Entidades”, e a China retomou as tarifas de US\$ 60 bilhões, como ameaçado desde Setembro de 2018.</p>
Junho 2019	<p>Com a reunião do G20, Trump manteve as o banimento da Huawei e demais empresas de alta tecnologia, mas reconsiderou algumas questões, excluindo 110 produtos da lista das tarifas de 25%, e a China expressou mais uma vez seu interesse de retomar as importações no setor agrícola.</p>
Agosto 2019	<p>Nova rodada de negociações bilaterais que geraram poucos avanços, com novas ameaças de taxações pelos EUA de 10% em US\$ 112 bilhões de importações, tendo um aumento em dezembro para US\$ 116 bilhões. A China responde com a intensão de implementação de taxas de US\$ 75 bilhões, além das tarifas em automóveis estadunidenses aumentarem de 12,6% para 42,6% no mesmo dia do anúncio. Como uma tréplica, o</p>

	presidente estadunidense anuncia um aumento de 10% para 15% em setembro e dezembro, mais o aumento para 30% em importações excedentes US\$ 250 bilhões em importações chinesas em 1º de outubro.
Setembro 2019	A fim de evitar recessões econômicas ainda maiores, a China retirou 16 produtos da lista tarifária, enquanto os EUA retardaram a implementação tarifária de US\$ 250 bilhões para 15 de outubro de 2019.
Outubro-Dezembro 2019	Trump cancelou a aplicação de tarifas de Outubro e Dezembro daquele ano, alegando que ambos estavam em busca de um acordo benéfico para os dois países.
Janeiro 2020	Ao finalizar a primeira fase do acordo, a China concordou em comprar US\$ 200 bilhões de produtos estadunidenses adicionais, ainda que a maioria das tarifas tivessem sido mantidas.
Ao longo de 2020	A guerra comercial sino-americana teve uma trégua com o avanço da COVID-19 em território chinês e posteriormente ao redor de todo o globo. Houve a redução de tarifas, principalmente do setor médico, em março de 2020. Ambas as economias foram fortemente afetadas e voltaram-se para controlar o cenário interno de cada uma.

FONTE: Tabela construída com base nos trabalhos e artigos de KAPUSTINA, 2020; PAUTASSO, 2021; PRAMUK, 2018; TAN, 2018; WANG, 2019.

3. O papel Huawei (e do 5G) na Guerra Comercial sino-americana (2019-2020)

Para compreendermos o papel do 5G e da Huawei é necessário que o leitor se familiarize com o cenário tecnológico da tecnologia 5G, assim como a sua definição e o histórico e diretrizes da empresa chinesa relacionada no processo. A partir de tais definições e compreensões do processo em jogo é que poderemos estipular uma análise teórica que visa compreender a importância da tecnologia para ambas as nações.

A tecnologia 5G é uma evolução natural do *Long Term Evolution* (LTE), popularmente conhecido por 4G (que tinha com antecessor o 3G, e assim por diante). O LTE é um padrão de circulação de dados sem fios, que foi responsável pela criação da banda larga móvel (e todos os G's envolvidos na discussão) (SPADINGER, 2021).

Evolução da banda larga móvel ao longo dos anos

1G (1981)	2G (1991)	3G (2001)	4G (2008)	5G (2019)
- Telefonia móvel analógica.	- Telefonia móvel digital. - Mensagens de texto.	- Telefonia móvel digital. - Mensagens de texto. - Internet.	- Telefonia móvel digital. - Mensagens de texto. - Internet. - Vídeo. - IoT.	- Telefonia móvel digital. - Mensagens de texto. - Internet. - HD Vídeo 4K/8K. - IoT em massa. - Automação. - Veículos em conectados - Virtualidade aumentada, etc.

FONTE: Tabela desenvolvida conforme os dados presentes em SPADINGER, 2021.

Reconhecido os avanços de conexão e inovação que o 5G traz, avançamos para o ponto de desenvolvimento e comercialização da tecnologia. Sendo a inovação uma peça chave para garantir exclusividade competitiva, como aponta Schumpeter (1988), e sendo que “(...) o domínio do padrão técnico-produtivo de cada época (geoeconômico) está relacionado com o poder interestatal (geopolítico)” (PAUTASSO, 2021, p.18), passou-se a ter uma preocupação em torno do 5G no conflito atual sino-americano, tendo como representantes nesse conflito a empresa chinesa Huawei³ e o governo estadunidense.

A produção de 5G é dominada mundialmente por três empresas, sendo a Huawei detentora de 30% do mercado; a Ericsson possui 60%; enquanto a participação da Nokia é de 22% (Tekir, 2020, p.124). Os EUA não possuem nenhuma empresa nacional com liderança global na produção e distribuição da tecnologia.

Além de não ter qualquer “tropa” nacional para o combate (referindo-se ao papel das empresas no âmbito da disputa comercial (Gagliano, 2018), sua inimiga asiática também possui uma porcentagem de desenvolvimento das tecnologias ligadas ao 5G expressivamente maior que os EUA, pois

“A Huawei também está liderando o desenvolvimento da tecnologia 5G. 35% das patentes relacionadas ao 5G são de propriedade da Huawei. Os EUA possuem menos de 5% das patentes. A dominação da Huawei no mercado de 5G é, portanto, considerada uma ameaça pelo governo dos EUA” (Terik, 2020, p.124).

³ Fundada em 1987, a Huawei é uma empresa privada chinesa do ramo de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), comandada totalmente pelos seus funcionários, como afirma seu site oficial brasileiro. Para mais informações, acessar: <https://www.huawei.com/br/corporate-information>.

Sendo considerada assim uma ameaça para o governo estadunidense, no âmbito comercial e de segurança, a empresa passou a sofrer perseguição por parte das autoridades dos EUA, especialmente no governo Trump.

Ainda que a Huawei estivesse instalada nos Estados Unidos desde 2001, foi só a partir do advento das tensões entre as nações que o governo passou a tomar medidas críticas em relação a empresa. Em 2018, o governo de Donald Trump proibiu que oficiais do governo dos EUA utilizassem tecnologias da Huawei e ZTE, e no final do ano tomou uma atitude ainda mais drástica contra a empresa chinesa. A pedido do governo americano, o governo canadense prendeu Meng Wanzhou em 1º de dezembro de 2018, diretora financeira da Huawei e filha do fundador da empresa, Ren Zhengfei, enquanto fazia escala em Vancouver indo em direção ao México (LIY, 2021b), por uma suposta fraude. Como resposta a tal ação, a China prendeu dois canadenses em seu território, o ex-diplomata Michael Kovring e o empresário Michael Spavor, ambos sob alegações de “ameaça à segurança nacional” (LIY, 2018a).

Após as tensões do mês de dezembro, Trump acusou a empresa chinesa e seu diretor financeiro de “conspirar para fraudar instituições financeiras globais ao deturpar o relacionamento da Huawei com uma suposta empresa de fachada no Irã” (SHEPARDSON, 2019). As tensões e acusações prosseguiram ao longo de 2019, e em maio, depois de uma série de acusações acerca da preocupação estadunidense sobre a sua segurança, em relação aos produtos tecnológicos chineses que circulavam no país, Trump decidiu adicionar a Huawei (e outras empresas de tecnologia chinesas) na “Lista de Entidades” dos EUA, que

“Significa que os fornecedores dos EUA, parceiros e compradores de produtos da Huawei e tecnologias precisam ter permissão do Departamento de Comércio dos EUA para realizar negócios com a Huawei. Além disso, o Google não permitiria mais que smartphones da Huawei rodassem aplicativos de celular populares como Gmail e Google Maps (HOSAI, 2019, p.22).

Para além da Google, outras empresas acabaram cortando contato com a Huawei. Além de seu próprio território, os EUA também fizeram pressão para seus aliados, principalmente europeus, também estabelecerem relações ruins com a empresa chinesa, uma vez que o maior palco de disputa se encontrava na Europa

Os EUA podem ter banido com sucesso os produtos da Huawei no mercado doméstico, mas o verdadeiro campo de batalha é a Europa. 25% da receita de 105 bilhões obtida pela Huawei em 2018 emana da Europa e Oriente Médio. Huawei ocupa o terceiro lugar no mercado de smartphones na Europa detendo 18% das ações. Embora a Nokia e a Ericsson, outras empresas

que investem no desenvolvimento do 5G, são empresas europeias, seus investimentos estão atrás da Huawei.

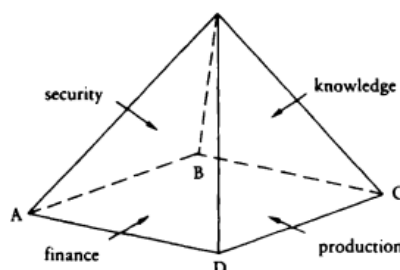
Em 5G, seus investimentos combinados em P&D equivalem ao investimento da Huawei em P&D. A falta de coordenação entre os países da UE de desenvolver uma implantação comum de 5G, cria um ambiente adequado para a Huawei penetrar no mercado europeu. (TERIK, 2020, p.125).

A influência estadunidense em seus parceiros europeus foi efetiva, resultando no fechamento de oportunidades de desenvolvimento combinado da tecnologia 5G por vários países da Europa, fazendo com que a China voltasse tal desenvolvimento para outros países, como foi o caso da Rússia. Onde a maior operadora de telefonia móvel russa, a MTS, assinou acordos para o desenvolvimento da tecnologia 5G com a Huawei, visando sua utilização entre 2020-2022, em meio a todo conflito comercial em curso com os países ocidentais (DOFFMAN, 2019).

A perseguição contra a empresa chinesa permaneceu ao longo de 2020, até o final do mandato Trump, e continuou como uma das políticas de combate, visando a segurança nacional mesmo sob Joe Biden. Todo o esforço da administração estadunidense em seu combate a Huawei e ao 5G, embora carregue como justificativa oficial a suposta “ameaça nacional de espionagem” expressa preocupações muito maiores, uma vez que ao considerar as estruturas de poder de Susan Strange, o 5G tem uma capacidade de influência significativa, ameaçando assim a estabilidade de projeção dos EUA no globo.

4. A influência do 5G nas estruturas de poder

A teoria de “estruturas de poder” utilizada aqui foi formulada por Susan Strange, no livro “*State and Markets*”, publicado em 1998. Sendo considerada a fundadora da disciplina de Economia Política, Strange sugeria um olhar amplo ao analisar as relações internacionais, quebrando com as concepções mais tradicionais das escolas de relações internacionais ao analisar a expressão do poder, como o realismo. Ao analisar a projeção do poder no cenário internacional, a autora identifica quatro estruturas fundamentais, sendo a de segurança, a de produção, a financeira e a do conhecimento.



FONTE: STRANGE (1988, p.14).

A fim de dinamizar a análise, pontuo as principais contribuições do 5G em cada uma das principais estruturas, conforme vou definindo-as conceitualmente. Começando pela estrutura da segurança, essa é a mais primordial quando estudamos os fundamentos da vida em sociedade, pois, como exemplificado pela autora, não há como proteger nada se nossa existência for cessada. A segurança no cenário da economia política moderna é sempre garantida pelo Estado

“O Estado reivindica autoridade política e o monopólio da violência legítima. Mas o Estado não existe isoladamente. Ele existe ao lado de outros, em uma sociedade de Estados. Todos reivindicam autoridade política e o monopólio da violência legítima dentro – e às vezes também além – de seus limites territoriais. As relações entre os Estados têm, portanto, grande importância para a estrutura da segurança e para a economia mundial” (STRANGE, 1988, p.45-46).

Sendo o Estado fundamental para a existência dos mercados, e a segurança o fator principal para a existência do Estado, as condições de segurança contemporâneas são essenciais para análise. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, vem tornando-se cada vez menos usuais conflitos armados entre nações, principalmente entre aquelas com poder bélico equivalente, devido ao alto nível de destruição das armas modernas (que não só acabariam com o país atingido, como com a própria existência humana). Com isso, os conflitos passaram a ocorrer em outras esferas, e em um mundo cada vez mais informatizado, a esfera do ciberespaço passou a uma questão analisada pelos Estados.

Não apenas dados referentes a informações confidenciais estatais estão nas redes, como a dados bancários (e da segurança deles), estratégias militares e tecnologias das mais diversas naturezas que compõe a segurança de um Estado. Com isso, é fundamental que a rede móvel de acesso não só possua tecnologia de ponta (para operar tais atividades com excelência), mas também domínio dessa tecnologia. Remetendo-se a principal alegação de Trump, sendo os EUA um país que não possui tecnologia 5G, ao submeter-se a utilização da tecnologia estrangeira (no caso de suas alegações, a produzida pela Huawei), o governo chinês poderia, em meio as tensões em curso entre os países, “(...) usar os dispositivos para espionar os EUA e seus aliados” (HOSAIN, 2019, p.22).

O não domínio da tecnologia 5G comprometeria não apenas a operacionalização de máquinas militares (como é o caso de drones comandados com base nessa tecnologia), mas também ao domínio de dados das mais diversas naturezas. Submeter a operacionalização da circulação de dados nacionais a uma empresa estrangeira, portanto, coloca em xeque as condições das quais informações são circuladas e o controle do domínio de quem as pertencem.

Exemplificado de maneira sucinta a atuação e importância do 5G na esfera de segurança, é importante pontuar sua contribuição na esfera produtiva, estrutura fundamental na projeção de poder na economia política. A relação da esfera produtiva e o 5G em âmbito doméstico, é a capacidade que

essa tem de integrar projetos como a Internet das Coisas, Robótica e Inteligência Artificial na mesma, potencializando o funcionamento (e assim a produção) através da Indústria 4.0. Em âmbito externo, retomando Strange (1988), a esfera da produção é a instância definidora do que será produzido em um Estado, a qual definirá seu posicionamento no mercado internacional.

O desenvolvimento (dialogando com a esfera da produção de conhecimento), produção e distribuição do 5G fez com que a China não só potencializasse suas indústrias, onde sua escala de produção de manufatura inteligente quase triplicou em 5 anos (indo de 9,963 mil em 2015 para 25,000 mil em 2020) (LEE, 2022), como abalou as estruturas comerciais que envolve o ramo, onde sendo a empresa chinesa Huawei aquela que possui o maior desenvolvimento da tecnologia 5G no globo, ela não só possui exclusividade de mercado (seja na distribuição, utilização do serviço ou de aparelhos que utilizem o serviço), como tornou-se uma ameaça para a segurança nacional dos EUA (no contexto de guerra comercial), por possuir o serviço que operacionaliza informações de um território, relacionando-se com a esfera da segurança.

No que tange a capacidade de gerar crédito relacionada ao 5G, a expressão da estrutura financeira, projetos chineses como a *Belt and Road Initiative*, que envolvem estratégias de desenvolvimento comercial da China através do investimento em desenvolvimento e infraestruturas de países que perpassam a rota são um exemplo a se analisar. Esferas da iniciativa propõe uma “Rota da Seda Digital”, que visa integrar as tendências nacionais de desenvolvimento digital chinês (como o *Made In China 2025*) em uma nova forma de fazer comércio. Com isso,

“A China também está bem avançada em banda larga 5G, onde espera-se que desempenhe um papel importante no uso de big data e no desenvolvimento de redes e cidades inteligentes, transporte remoto e outros projetos. Também têm um grande papel a desempenhar nessas áreas e a abertura nas práticas de aquisição pode ser útil para alcançar os resultados de menor custo, assim como um fortalecimento geral de investimento” (Ang et al, 2017) (BUSINESS, 2018, p.33).

A concessão de crédito para locais estratégicos visando o desenvolvimento tecnológico é além de uma forma de garantir novos mercados eficientes, uma grande expressão da influência chinesa nas localidades investida pelo país.

Por fim, a estrutura do conhecimento, que em sua definição, relaciona-se a temática estudada no artigo, é definida por Susan Strange como as determinações a serem descobertas, e com isso a sua influência na nação em questão, a estratégia de desenvolvimento do 5G, seja na China ou nos EUA (países analisados) é uma das peças chaves para a definição das tendências de desenvolvimento e produção nacional, no ramo tecnológico, sendo um componente de atuação em qualquer uma das estruturas citadas.

CONCLUSÃO

Historicamente as relações sino-americanas sempre estiveram em disputa, ainda que as condições de antagonismos tenham se metamorfoseado junto com o passar dos anos. Com a ascensão de Trump, o conflito entre as duas nações se intensificou, dando início a “maior guerra comercial” já testemunhada sobre a análise chinesa, em 2018.

Tal conflito não apenas rivalizou mais uma vez as nações, mais configurou novas diretrizes do “fazer guerra” no mundo contemporâneo, adotando antigas práticas já utilizadas na história. Diante de uma realidade da qual conflitos armados tornaram-se inusual entre os países envolvidos, e o mercado assume cada vez mais destaque no Estado para definir suas políticas, a Guerra Comercial se tornou o palco não apenas de disputas que envolvia a esfera comercial, mas também questões mais profundas como a segurança nacional e a projeção das estruturas de poder no globo.

Retomando a mesma linha do período da Guerra Fria, no conflito atual, a tecnologia assume um lugar de destaque na disputa, ainda mais acentuado do que no momento Sputnik. Ainda que várias tecnologias do ramo das *high tech* poderiam ser citadas como fundamentais na disputa em curso, nenhuma delas teve um papel tão expressivo durante o conflito assumido no governo Trump do que o 5G.

Sobre o domínio da chinesa Huawei, a tecnologia 5G passou a ser o principal tema debatido nas discussões sobre alta tecnologia e implementação da mesma, seja nos EUA, na China ou mesmo nos países aliados do ocidente, como os pertencentes a União Europeia e Canadá. Devido ao potencial de transformação estrutural que o 5G possui, remetendo-se a análise de Susan Strange, com capacidade de transformações na esfera de segurança, de produção, de financiamento e de produção de conhecimento, é plausível concluir que exista um resgate do momento Sputnik na história atual.

O momento Sputnik protagonizado pelo 5G, entretanto, não se configura como uma disputa que, ainda que envolva a produção de tecnologia de ponta, tem um impacto muito maior na esfera geopolítica, como foi o caso do momento protagonizado pelos EUA e URSS ao longo do século XX. O 5G insere-se em uma tendência global da digitalização social e integração da humanidade com as máquinas, e, portanto, seu grau de influência insere-se como um grande catalizador da mudança estrutural em larga escala.

Referências

- ARBAGE, Jorge. **A Diplomacia Triangular: Nixon, Kissinger e a China**. Epígrafe, v. 10, n. 2, p. 89-120, 2021.
- AUSTIN, Greg. **The 1989 China arms ban: Putting Europe's position to Congress**. Foreign Policy Centre, 2005.
- BALISTRERI, Edward J.; HILLBERRY, Russell H. **21st century trade wars**. In: Policy Analysis And Modeling Of The Global Economy: A Festschrift Celebrating Thomas Hertel. 2021. p. 279-297.
- BUSINESS, O. E. C. D.; OUTLOOK, Finance. **China's Belt and Road Initiative in the global trade, investment and finance landscape**. 2018.
- CORASANITI, N.; BURNS, A.; APPELBAUM, B. **Donald Trump Vows to Rip Up Trade Deals and Confront China**. The New York Times. 29 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/06/29/us/politics/donald-trump-trade-speech.html>. Acessado em 15/07/22.
- DA VINHA, Luis. Managing an “America First” Strategy: Donald Trump’s transition from a private to a public executive. Political Observer| Revista Portuguesa de Ciência Política, n. 10, p. 13-43, 2018.
- DOFFMAN, Zark. **Huawei Just Launched 5G In Russia With Putin’s Support: ‘Hello Splinternet’**. Cybersecurity. Forbes, 1 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/zakdoffman/2019/09/01/hello-splinternet-huawei-deploys-5g-in-russia-with-putins-support/?sh=42cde520199d>. Acesso em: 12/08/22.
- GAGLIANO, Giuseppe. **Guerra econômica e competição no mundo contemporâneo**. Editora UFPel, 2018.
- KAPUSTINA, Larisa et al. **US-China trade war: Causes and outcomes**. In: SHS Web of Conferences. EDP Sciences, 2020.
- KISSINGER, H. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- HOSAIN, Sajjad. **Huawei ban in the US: Projected consequences for international trade**. International Journal of Commerce and Economics, 2019.
- KOSHINO, Yuka. **How Did Obama Embolden China? Comparative Analysis of “Engagement” and “Containment” in Post-Cold War Sino-American Relations**. 2015.
- LEÃO, Bruno Guerra Carneiro. **As relações econômicas EUA-China no início do século XXI: análise à luz das dinâmicas concorrentes da geopolítica e da globalização**. 2009.
- LEE, Kuan-Lun; ROESINGER, Andrea; HOMMEL, Uwe. **Development and Practice of Industrie 4.0 in China—Practical Experience of a German Industrial Software Company in China**. Sci, v. 4, n. 3, p. 28, 2022.
- LIY, Macarena Vidal. **China prende outro canadense após o ‘caso Huawei’**. El País, 13 de dezembro de 2018a. Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/13/internacional/1544689321_876221.html. Acesso em: 12/08/22.
- LIY, Macarena Vidal. **Retorno de Meng Wanzhou à China e libertação de canadenses detidos põem fim ao ‘caso Huawei’**. El País, 25 de setembro de 2021b. Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-25/retorno-de-meng-wanzhou-a-china-e-libertacao-de-canadenses-detidos-poem-fim-ao-caso-huawei.html>. Acesso em: 12/08/22.

- MARINHO, Havana Alicia de Moraes Pimentel. **Estados Unidos: o contexto dos anos 1970 e as crises do petróleo.** Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 4, n. 7, 2010.
- PAUTASSO, Diego et al. **As três dimensões da guerra comercial entre China e EUA.** Carta Internacional, v. 16, n. 2, p. e1122-e1122, 2021.
- PIRES, Marcos Cordeiro; MATTOS, Thaís Caroline Lacerda. **A concepção de excepcionalidade na consciência social de Estados Unidos e China como elemento para a reflexão sobre disputas hegemônicas: The conception of exceptionality in the social consciousness of the United States and China as an component to reflect on hegemonic disputes.** Brazilian Journal of International Relations, v. 7, n. 3, p. 551-580, 2018.
- MONROE, Erin. **US-China relations: A brief historical perspective.** US-China Policy Foundation, 2013.
- SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico.** São Paulo. Nova Cultura, 1988.
- SHEPARDSON, David; FREIFELD, Karen. **Trump administration hits China's Huawei with one-two punch.** Media and Telecoms. Reuters, 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-china-trump-telecommunications-idUSKCN1SL2QX>. Acesso em: 12/08/22.
- SHU, Silvana Shioh Shyan et al. **A inserção internacional da China no pós-Guerra Fria.** PUC/SP, 2005.
- SPADINGER, Robert. **Implementação da tecnologia 5G no contexto da transformação digital e indústria 4.0.** 2021.
- STANGE, S. **States and Markets: An Introduction to International Political Economy.** 1988.
- SWANSON, Ana. **Trump's Trade War With China Is Officially Underway.** The New York Times. 05 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/07/05/business/china-us-trade-war-trump-tariffs.html>. Acesso em 22/07/22.
- TAN, Huileng. **Trade War begins: US and China exchange \$34 billion in tariffs.** CNBC, 06 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2018/07/06/trade-war-worries-us-china-tariffs-to-kick-in-on-friday.html>. Acesso em 22/07/22.
- Tekir, Gökhan. **"Huawei, 5G Networks, and Digital Geopolitics"**. International Journal of Politics and Security (IJPS), Vol. 2, No. 4, 2020, pp.113-135
- Trump China visit: US leader strickers warmer tone with Xi Jinping.** BBC, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-41924228>. Acessado em 18/07/22.
- Trump's phone call with Taiwan president risks China's wrath.** The Guardian, 03 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2016/dec/03/trump-angers-beijing-with-provocative-phone-call-to-taiwan-president>. Acessado em 17/07/22.
- WANG, Zhaohui. **Understanding Trump's Trade Policy with China: International Pressures Meet Domestic Politics.** Pacific Focus, v. 34, n. 3, p. 376-407, 2019.
- ZHANG, Feng. **The tianxia system: world order in a Chinese utopia.** Global Asia, v. 4, n. 4, p. 108-112, 2010.